

A GUERRA DO RIO: Criminalidade aproveita desordem urbana, instalando suas fortalezas nas comunidades pobres

Favelas não param de crescer

Barracos se expandem sem controle no vazio de políticas públicas

Carla Rocha, Elenilce Bottari e Paulo Marquero

• A montanha de casas de tijolos aparentes, vista a partir da Auto-Estrada Lagoa-Barra, dá a dimensão do problema: a Rocinha se espalha e se aproxima do Vidigal. As favelas crescem de forma desordenada, transformando enormes áreas da cidade em terras de ninguém. Urbanistas, historiadores e especialistas em segurança pública afirmam que a criminalidade tira partido dessa desordem urbana, instalando ali suas fortalezas e agravando ainda mais a rotina de precariedade de seus moradores.

A desordem urbana é explicada em números: segundo dados do IBGE, enquanto a população do município do Rio cresceu 6,7% entre 1991 e 2000, passando de 5,4 milhões para 5,8 milhões, a da Rocinha saltou 33%, indo de 42 mil para 56 mil no mesmo período.

Professora do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ (Ippur), Luciana Lago afirma que em cem anos as favelas só fizeram crescer:

— Mesmo nos anos 70, período em que elas menos cresceram, o crescimento ficou acima da média da cidade.

Ao explicar o crescimento do tráfico de drogas no Rio e as dificuldades da polícia, a coordenadora de inteligência da Chefe de Polícia Civil, Marina Maggessi, apontou o crescimento desordenado como maior problema:

— A culpa desta violência não é da polícia. A polícia só entra quando todas as outras instituições falharam. A criminalidade cresceu com o sucateamento do solo urbano, quando quadrilhas começaram a invadir favelas, aproveitando a topografia, que permite uma visão geral sobre quem está chegando, para erguer suas fortalezas.

Para o reitor da PUC, padre Jesus Hortal, além do problema urbano que dificulta a segurança pública, a própria vida em favela contribui para a violência:

— Essas favelas, tal como estão estruturadas, propiciam o surgimento de quadrilhas. Também propiciam uma certa impunidade porque, como não há programas de moradias também para policiais, eles acabam obrigados a conviver com marginais, muitas vezes sendo assediados por eles. A aproximação entre bandidos e policiais faz com que o Rio

perca o apreço à sua polícia. O historiador Milton Teixeira, que estudou a origem das favelas, diz que mesmo a Rocinha, que virou bairro, sofre com a falta de políticas públicas:

— A Rocinha, com 56 mil habitantes, só possui duas escolas públicas. E onde falta o estado, cresce a marginalidade.

A arquiteta Luciana Andrade, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, afirma que a questão fundamental no crescimento das favelas é a ausência de políticas habitacionais, principalmente a partir dos anos 80.

— As favelas já vinham crescendo, mas com o fim do BNH, nos anos 80, as alternativas ficaram ainda mais reduzidas.

Ela diz ainda que as favelas se consolidaram nos anos 80, quando os barracos foram substituídos por casas de alvenaria, de forma desordenada.

— Esse processo se deu com pouco apoio técnico e não houve uma configuração de ruas, para que pudesse haver uma circulação mais fácil.

As casas foram surgindo entre becos e vielas que impedem

a circulação viária. Mas, por que o poder público não se preocupou em abrir ruas e avenidas, como aconteceu em qualquer bairro? O sociólogo Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro dá uma explicação:

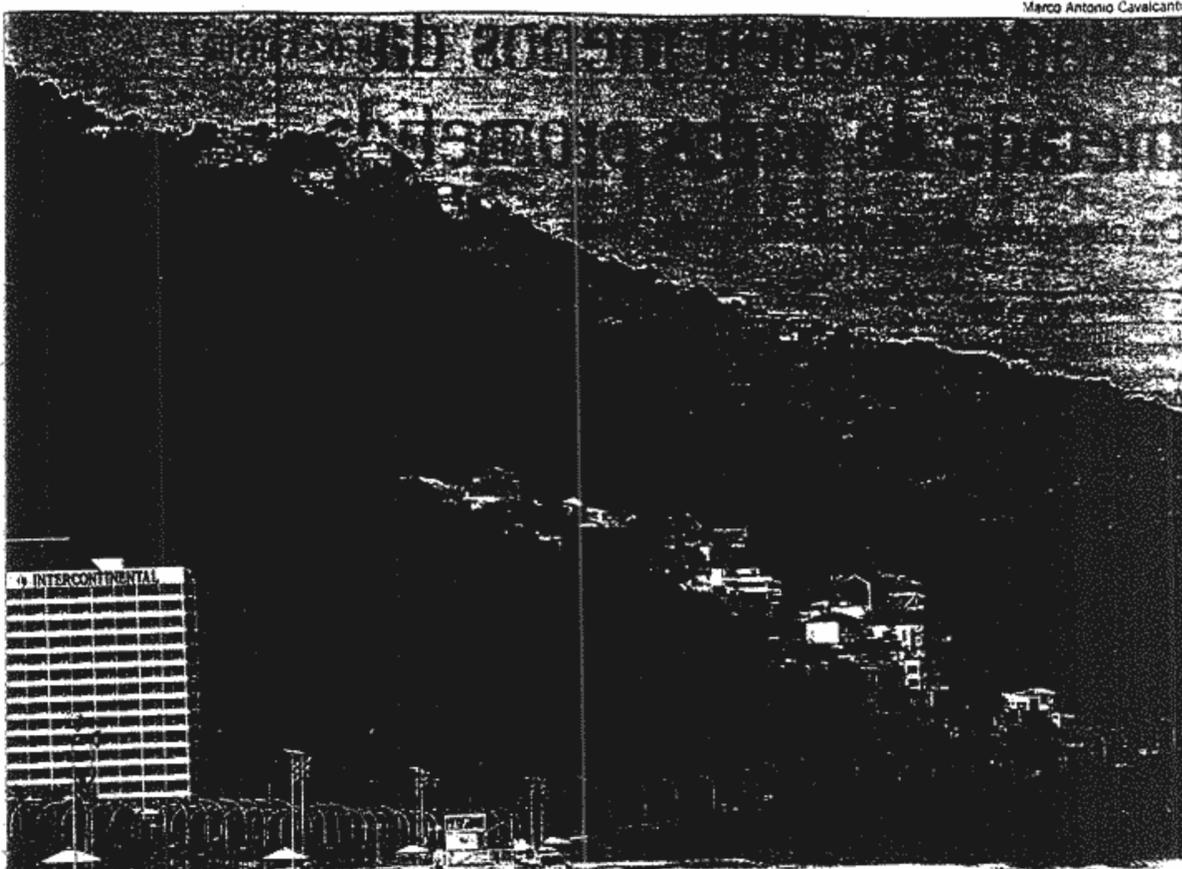
— Porque a favela nunca foi reconhecida como uma forma legítima de moradia. Mesmo nos mapas oficiais da prefeitura, as favelas não existem. É a solução para o problema era apenas a idéia da remoção.

Para o secretário estadual de Meio Ambiente e vice-governador Luiz Paulo Conde, o crescimento das favelas se deve a uma série de fatores:

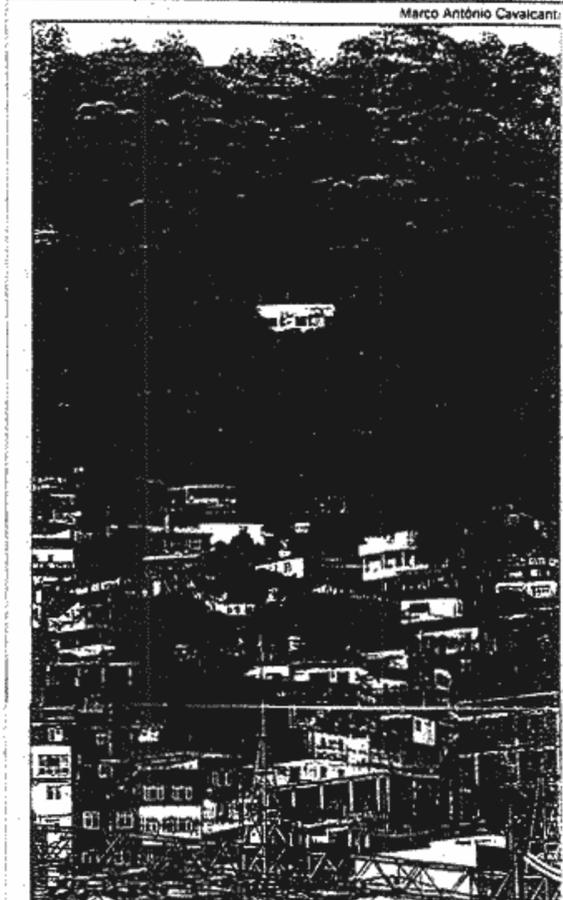
— Ausência dos governos, remoções indevidas, deficiência dos sistemas de transporte. Tudo isso contribuiu. A cidade informal cresceu paralelamente à cidade formal.

O professor **Marcelo Neri**, chefe do Centro de Políticas Sociais do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), vai além da questão urbanística. Para ele, faltam políticas voltadas principalmente para os jovens que moram em favelas.

— É preciso desenvolver políticas de inclusão digital, que são a cara dos jovens. Na Rocinha, a taxa de acesso a computador é de 6%. Na Lagoa, que é vizinha, é de 60%. ■



A FAVELA DO VIDIGAL dobra a encosta e já é vista no alto do morro da Praia de São Conrado, logo acima de um condomínio de casas de luxo



A CONSTRUÇÃO no meio da mata: ocupação não tem fim.

E mais uma casa surge no meio da mata

Obra é desconhecida da prefeitura

• Uma casa em construção surgiu no meio da mata sobre a área favelizada da Rocinha, do lado de São Conrado. Motoristas que passam pela Auto-Estrada Lagoa-Barra já avistam a casa, que ainda é desconhecida pela prefeitura. O subprefeito da Zona Sul, Mário Felippo Júnior, prometeu mandar uma equipe hoje ao local para constatar a nova invasão e tentar descobrir quem é o responsável pela obra.

— Temos um posto técnico de observação na Rocinha. Fizemos uma grande operação, com a demolição de construções irregulares, no fim do ano passado. Mas essas obras são feitas rapidamente. As vezes levantam uma laje numa noite — alegou o subprefeito.

A Rocinha foi a primeira favela do Rio onde a prefeitura implantou o projeto Eco-Limites, que a partir de 2001 delimita com estacas de ferro interligadas por cabos os trechos a partir dos quais as comunidades não podem se expandir. Na Rocinha, no entanto, a favela avança para além dos marcos.

Sonho de um futuro melhor na Rocinha

Abelardo Bastos Pinto Jr.

• Estava parado ali diante daquelas luzes piscando, no último lugar do mundo em que gostaria de estar naquela hora, apesar de não ser tarde, afinal o relógio marcava 19h30m e me dirigia da Barra para atender a um parto no Humaitá: estava em frente a Rocinha, comunidade em que trabalho desde 82 enquanto médico do município, incluindo um projeto voluntário de saúde escolar e creches comunitárias na mesma área. Estava assustado, o trânsito quase que totalmente parado, uma dezena de carros de polícia com sirenes ligadas, metralhadoras visíveis, passavam com frequência, como pano de fundo, aquelas luzes cor-de-rosa que enfeitavam aquele clima digno de guerra do Terceiro Mundo. Estava amedrontado, pelo medo, pelos protótipos, imaginava mil situações caso começasse o tiro, repensei a vida em flash e dos que estavam ali comigo, saíra do carro, me escondia ao longo da mureta, pedindo a Deus proteção, única capaz de me confortar verdadeiramente naquele instante. Após 20 longos minutos, o trânsito foi fluindo e saí risonho daquele ali. Refleti e gostaria de expressar essa reflexão. A Rocinha hoje tem população quase dez vezes maior que a do menor município do Estado do Rio: aquilo é uma cidade, predominantemente nordestina, de um povo que migrou para a cidade grande em busca de um sonho, trabalho e condições "dignas" de viver: a maioria da comunidade que mora ali é de gente trabalhadora que se emprega na Zona Sul em todos os postos possíveis de trabalho: o crescimento foi desordenado, à luz das conveniências e conveniências políticas. Quem não sabe que o saneamento é precário, que as moradias são insalubres, que as construções não têm engenheiro responsável, que o local é uma colcha de retalhos tirada de um manual de sobrevivência no meio do nada e do tudo no entorno? A ausência de uma política específica para

aquela "cidade", e do poder público presente, participante, associada aos baixos índices de cultura vem abrindo espaço para que os outros poderes se tortaleiem e dominem o local. Murar essa "cidade" significa isolá-la mais da realidade e valorizar mais as casas que se apoiam neste monumento ao descrédito, tendo em vista a incapacidade atual de controle. Dentro de umas semanas essas ocorrências vão dar lugar a outras também importantes no âmbito da cidade e a Rocinha, lembrada pelos políticos de ocasião e esquecida, mais uma vez continuará crescendo solitária, resiliente ao descompasso gerencial e social, com muitos adolescentes engravidando, abandonando a escola ou ascendendo socialmente no meio por conta dessa atitude imatura, desassistida e irresponsável que acaba gerando mais abismos e violência. Inúmeras são as sugestões para as escolas, com atividades voltadas para arte, cultura, esportes, lazer, saúde, família, valorizando a fé, respeitando a bagagem regional, ocupando o tempo das crianças e dos idosos, promovendo o respeito aos direitos legais e à autoridade constituída, cursos técnicos e de qualificação; um mutirão social como fazemos nas campanhas de vacinas que dão certo, para entrar e ficar permanentemente sem se preocupar com quem vai ser o próximo governante. Quem sabe juntando todos os trabalhos que já existem na comunidade de forma integrada e objetiva segundo os diagnósticos sociais, partidos políticos sem bandeiras, juntos trabalhando para quem precisa, para todos nós que precisamos. Voltei tarde da noite, coração apertado, a alegria do nascimento havia por instantes me transportado para o mundo da esperança e "sonhar não custa nada"...

ABELARDO BASTOS PINTO JR. é médico pediatra e presidente do Comitê de Saúde Escolar do Sociedade de Pediatria do Estado

A HISTÓRIA DA ROCINHA

<p>1929 Surgem os primeiros barracos, com o arrendamento de uma antiga fazenda pela construtora Castro Guideron para fazer um loteamento.</p>	<p>DÉCADA DE 40 Começa o processo de favelização. Instalam-se ali operários nordestinos que constroem os prédios da Zona Sul.</p>	<p>DÉCADAS DE 50 e 60 Os terrenos são arrendados por políticos que os cediam em troca de votos. Para lá são levados, por exemplo, moradores das favelas da Vila Hipica, que se incendiava, e da Catacumba.</p>	<p>1954 O número de barracos chega a 300. A proximidade com bairros nobres da Zona Sul e a crescente demanda por empregos domésticos fez a favela crescer cada vez mais depressa. Aproximados com a proliferação de barracos em torno dos muros de suas mansões, donos de imóveis na Estrada da Gávea se mudam.</p>	<p>DÉCADA DE 70 A população da Rocinha atingiu a marca dos 40 mil.</p>	<p>DÉCADA DE 80 Um grupo de moradores consegue na Justiça a desapropriação de um terreno de 4647 metros quadrados. Denis Leandro dá início a uma quadrilha de drogas. Em 1985 surge a quadrilha mata-um-legendário, liderada por um líder comunitário local, José Inácio de Assis, o Zé do Domo, que combata a política paternalista do tráfico na Zona Sul. Um protesto contra a prisão de Denis, em 1987, mobiliza o Batalhão de Choque e termina com 17 feridos e tribunação na Lagoa-Barra, onde barracos são destruídos por operadores da polícia. Luto pela morte de traficante Denis, 2001.</p>
---	---	--	---	--	--